Atentados Suicidas na Operação Iraqi Freedom

Doutor Robert J. Bunker e
John P. Sullivan

Este artigo, reimpresso com a permissão da Associação do Exército dos Estados Unidos (AUSA), foi adaptado do artigo original com direitos reservados, publicado em setembro de 2004, pelo Institute of Land Warfare *(Instituto de Guerra Terrestre), como um ensaio de* Land Warfare *nº46W. As publicações da Associação e do Instituto estão disponíveis no endereço eletrônico da Associação <www.ausa.org>.*

O objetivo do Instituto é ampliar o trabalho educacional da Associação, com o patrocínio de publicações de estudiosos no assunto, incluindo livros, monografias e ensaios sobre assuntos-chave de defesa, assim como seminários e simpósios. Um trabalho selecionado para publicação do Instituto representa uma pesquisa do autor que, na opinião da comissão editorial, contribuirá para uma melhor compreensão da defesa ou de assuntos nacionais de segurança.

ATENTADO suicida é o ato de se explodir, ao mesmo tempo em que mata (destrói) ou fere (danifica) um alvo. O alvo pode ser militar, civil, ou ambos. Tipicamente, a destruição mortal ou física do alvo tem menos importância do que o terror gerado pela ação. O atentado suicida é uma capacidade de poder de fogo desorganizada, baseada em alvos por relação de vínculos, empregada por forças oponentes que carecem de poder de fogo destrutivo tradicional.[1]

O atentado suicida é uma técnica de guerra criminosa, porque quase sempre está incluída na sobreposição de não crime/ não guerra das operações de forças oponentes não-estatais. Quando as forças estatais, como as Forças Armadas do Iraque, usam essa técnica, elas violam as regras da guerra ao tirarem seus uniformes e aparecerem como não-combatentes (imitando, assim, as forças oponentes não-estatais), adotando um estilo encoberto de ataque. O emprego pelos japoneses da aeronave Kamikaze na Segunda Guerra Mundial é considerado um legítimo emprego de força militar contra força militar, no entanto essa antiga forma de atentado suicida não é usada há quase 60 anos.

Atentados suicidas persistentes durante a Operação *Iraqi Freedom* (praticados antes, durante e após o combate principal) sugerem que tal técnica criminosa de guerra será usada com freqüência contra o Exército dos EUA e as forças aliadas desdobradas em combate e missões humanitárias dentro e ao redor de terras islâmicas.[2] Por conseguinte, o Exército e o Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA e a força policial local devem desenvolver inteligência, contramedidas e força de proteção apropriadas, a fim de interditar, mitigar e responder ao que se tornou uma ameaça às Forças dos EUA na guerra global contra o terrorismo e a insurgência islâmicos radicais.

Operações Suicidas e Tradições Militares

Operações suicidas (bombardeios e ataques) enquadram-se em três tradições filosóficas militares: Ocidental, Oriental e Islâmica e cada uma delas possui visões variadas a respeito dessa técnica ofensiva em níveis individual e de unidade do emprego doutrinário.

Tradição ocidental. No nível individual, a tradição Ocidental não defende operações suicidas. Os soldados ou pilotos devem, em iniciativa própria e quando letalmente feridos, aniquilar tantos soldados oponentes quanto for possível. Nesse caso, o combatente não tem nada a perder, como aconteceu com o piloto do avião torpedeiro-bombardeiro americano, que lançou a sua aeronave contra um navio de guerra japonês, durante a Segunda Guerra Mundial. Raramente, indivíduos não

feridos sacrificam heroicamente suas vidas para ajudar os seus colegas, como fizeram dois franco-atiradores Delta em Mogadício, na Somália, em 1993, ao ajudarem uma tripulação de um helicópetero *Black Hawk* abatido.[3]

No nível unidade, o desespero na guerra pode resultar em operações suicidas ou quase suicidas. A ação de contenção do Rei Leônidas e seus seguranças espartanos, na Batalha de Thermopylae em 480 a.C., forma a base do que pode ser considerado uma atividade "heróica". Mais de um milênio e meio depois, as batalhas de Verdun e do Somme durante a Primeira Guerra Mundial foram claramente operações suicidas, à medida que forças oponentes repetidamente tentavam quebrar a situação de impasse nas trincheiras com ataques de multidões humanas concentradas. No início da Guerra da Coréia, a ação de bloqueio improvisado foi quase suicida, mas necessária por terríveis circunstâncias.[4]

Mesmo assim, soldados americanos não vestem coletes explosivos, nem lançam carros ou caminhões carregados de explosivos contra prédios.[5] Os atentados suicidas ocorridos no Iraque são totalmente estranhos à tradição militar ocidental, a qual não vê, de forma alguma, tal ato como heróico.

Tradição oriental. Operações suicidas de tradição oriental têm ocorrido esporadicamente entre diversas culturas. No século XIII, as "tropas suicidas" da cavalaria leve mongol (*mangudai*) eram usadas como isca. Eles assaltavam o inimigo e retiravam-se em seguida, na esperança de que o inimigo deixasse o posto e os perseguisse em uma armadilha bem coordenada.[6] No entanto, os conceitos operacionais suicidas, ou quase suicidas, mongóis não se estenderam ao mundo moderno. Os dos japoneses, porém, o fizeram.

As Forças Armadas Japonesas aderiram aos princípios de Bushido – "o jeito (*do*) do guerreiro (*bushi*)". Essas idéias foram baseadas na fusão do Zen Budismo e posteriormente o Confucionismo, e foram descritas em *Hagakure*, em 1716 e *Bushido* de Inazo Nitobe: The soul of Japan (*A Alma do Japão*), traduzido para o inglês em 1900.[7]

O código do guerreiro *Bushido* continha o ritual suicida (*seppuku*) e preferindo a morte à desonra de ser levado prisioneiro. Essa tradição resultou no predomínio de operações suicidas, quando o Japão foi para a defensiva na Segunda Guerra mundial. Oficiais com espadas lideraram assaltos suicidas, e foram criadas unidades de bombardeiros suicidas Kamikazes (vento divino), submarinos pequenos e de botes a motor.[8]

Atentados suicidas também aconteceram durante a Guerra do Vietnã. Os vietcongues usavam sapadores (soldados especiais de demolição) que carregavam ou usavam cargas concentradas e, propositalmente, se explodiam para destruir os equipamentos e fortificações dos EUA e da República do Vietnã.

As unidades de soldados especiais da operação *Black Tiger* pertencentes ao grupo *Liberation Tigers of Tamil Eelam* (*LTTE*) também conduziram atentados suicidas em Sri Lanka e Índia. Os Tamils são singulares, porque possuem uma tradição híbrida Oriental e Ocidental que "defende o nacionalismo de Tamil, expressado por líderes em termos religiosos referentes ao culto de mártires".[9] O grupo é inovador, tendo copiado o conceito de operações de atentados suicidas do Hezbollah em 1987, anos antes dos grupos terroristas palestinos não xiitas usarem tais métodos. Cerca de 200 atentados suicidas de Tamil ocorreram entre 1987 e 2001, rendendo ao grupo a condição de usuários preeminentes da técnica. Atualmente, os *Tamil Tigers* estão em "pausa estratégica" em relação a atentados suicidas, porém são capazes de recomeçá-los a qualquer momento.

Tradição islâmica. Os atentados suicidas islâmicos despertam interesse porque fornecem o contexto filosófico com o qual as operações no Iraque estão sendo conduzidas. O artigo de Raphael Israeli *A Manual of Islamic Fundamentalist Terrorism* (Um Manual do Terrorismo Fundamentalista Islâmico) é o melhor apanhado das origens filosóficas dos atentados suicidas islâmicos.[10] Ele observa que a base conceitual para o culto xiita de martírio é uma tradição que teve origem com Hussein ibn Ali, neto do profeta Maomé. Hussein ibn Ali sacrificou-se por Alá, quando ele e os seus seguidores foram aniquilados pelo Exército de Caliph Yazid, em Karbalah, no ano 680.

A idéia do "sacrifício abnegado" individual foi usada durante a Guerra Irã-Iraque dos anos oitenta, quando unidades de crianças iranianas, usando as "chaves do paraíso" penduradas nos pescoços, limpavam os campos minados iraquianos com os seus corpos. Esses sacrifícios xiitas foram imortalizados numa fonte de água cor de sangue, dedicada aos mártires em Teerã.

Em 1982, a revolução iraniana do Aiatolá Ruhollah Khomeini foi exportada para o Líbano, onde a Resistência Islâmica, precursora do Hezbollah (Partido de Deus), desencadeou ataques suicidas contra alvos americanos, franceses e israelenses. Assim, o Hezbollah, criado em 1982 como oposição à invasão israelense, foi o ímpeto das operações suicidas modernas. O Hezbollah explorava as imagens do culto a Hussein ibn Ali, a fim de inculcar a abnegação e o martírio como ideais aos seus soldados. Esse grupo xiita, o qual usa técnicas terroristas e de guerrilhas, conduziu o seu primeiro atentado suicida de grande escala em abril de 1983, contra a Embaixada dos EUA em Beirute. Esse bombardeio foi diretamente influenciado pelo primeiro atentado suicida com veículos (em dezembro de 1981), contra a Embaixada iraquiana no Líbano. O grupo xiita Amal, que teve conexão com o Hezbollah na sua mais recente formação, conduziu o atentado de 1981.

Departamento de Defesa

O USS Banker Hill *foi atingido por dois aviões suicidas kamikazes, que em trinta segundos mataram 372 e feriram 264 tripulantes, em 11 de maio de 1945.*

Os atentados suicidas foram uma atividade unicamente xiita por uma década, até que o Hamas (Movimento de Resistência Islâmica), um grupo terrorista sunita, conduziu um ataque suicida em Israel, em abril de 1993, contra os soldados das Forças de Defesa Israelenses. Essa transferência ideológica de xiita para sunita ocorreu devido a duas circunstâncias. A primeira foi a deportação israelense de mais de 400 ativistas islâmicos, muitos deles membros do Hamas, para o sul do Líbano, em dezembro de 1992. O Hezbollah simpatizou-se com os ativistas, baseado no simples raciocínio de que "o inimigo do meu inimigo é meu amigo". No exílio, os membros do Hamas foram influenciados pelas técnicas de atentados suicidas do Hezbollah, e as levaram à Cisjordânia quando foram repatriados.

O segundo evento foi o *fatwa* (leis religiosas), criado por estudiosos sunitas fundamentalistas, com o intuito de racionalizar como os conceitos xiitas de sacrifício abnegado poderiam enquadrar-se no pensamento sunita sobre martírio e punição de inimigos. Atentados suicidas espalharam-se para outros grupos fundamentalistas terroristas e para organizações terroristas nacionalistas e seculares, como as Brigadas dos Mártires de al-Aqsa, que surgiram em 2000, como um desdobramento da facção *Fatah* de Yasser Arafat, da Organização para a Libertação da Palestina.

A mudança dos atentados suicidas de religiosos para seculares (não-religiosos, leigos, profanos) abriu caminho para que Saddam Hussein usasse essas técnicas contra forças invasoras aliadas na Operação *Iraqi Freedom*, e explica porque qualquer combinação de ex-legalistas do partido iraquiano *Baath* e terroristas fundamentalistas xiitas e sunitas que operam atualmente no Iraque poderia conduzir atentados suicidas.[11] Os terroristas suicidas anseiam a morte porque, como mártires, eles esperam que Alá os recompense no paraíso, e eles e suas famílias ganham status social.

Benefícios econômicos, como pagamentos monetários, também são dados às famílias como um bônus adicional pela realização bem-sucedida da operação. Durante a Segunda Intifada, Saddam Hussein proporcionou pagamentos em dinheiro de 25 mil dólares para as famílias de insurgentes palestinos mortos em ataques suicidas contra alvos israelenses.[12] As operações suicidas também atigem sofisticação organizacional. Um único terrorista suicida pode agir individualmente contra um alvo; dois ou três podem coordenar os bombardeios; um número maior de terroristas suicidas, como por exemplo, os 19 membros da al-Qaeda que seqüestraram quatro aviões americanos em 11 de setembro de 2001, pode coordenar suas atividades como parte de uma força de ataque contra diversos alvos.

Contexto Operacional e Estratégico

As operações suicidas, que são mais abrangentes do que os atentados suicidas, já ocorreram nas três dominantes tradições militares. No entanto, apenas a tradição islâmica emprega atentados suicidas atualmente. Os *Tamil Tigers* não os empregaram nos últimos anos.

Atentados suicidas modernos foram empregados operacionalmente pela primeira vez no início dos anos oitenta, no sul do Líbano, pelos grupos Amal e Hezbollah. A técnica chegou aos *Tamil Tigers* em 1987 e ao Hamas, em 1993. Na década seguinte, um número crescente de grupos terroristas passou a empregar os atentados suicidas: o Jihad Islâmico Palestino, em 1994, O Partido dos Trabalhadores do Curdistão, em 1996, a al-Qaeda, em 1998, os Chechenos, em 2000 e as Brigadas dos Mártires de al-Aqsa, em 2002.[13] Com exceção do Partido dos Trabalhadores do Curdistão, esse padrão tem sido parte de uma insurgência global islâmica radical contra os Estados Unidos e seus aliados desde 1993.

Atentado suicida é o ato de se explodir, ao mesmo tempo em que mata (destrói) ou fere (danifica) um alvo. O alvo pode ser militar, civil, ou ambos. Tipicamente, a destruição mortal ou física do alvo tem menos importância do que o terror gerado pela ação. O atentado suicida é uma capacidade de poder de fogo desorganizada, baseada em alvos por relação de vínculos, empregada por forças oponentes que carecem de poder de fogo destrutivo tradicional.

Nós podemos analisar o emprego dos principais atentados suicidas pelo modo de ataque (tabela 1) e grupos de alvos (tabela 2). Os *Tamil Tigers* e a al-Qaeda são os primeiros da lista em sofisticação de atentados suicidas, seguidos dos Chechenos e do Hezbollah. Os grupos Hamas, Jihad Islâmico Palestino e Brigadas dos Mártires de al-Aqsa são menos sofisticados, entretanto esses grupos já realizaram mais atentados suicidas do que alguns dos grupos principais. O Partido dos Trabalhadores do Curdistão é um dos últimos na lista de sofisticação.

Os grupos mais sofisticados usam dispositivos explosivos maiores e realizam ataques simultâneos (múltiplos homens-bomba ou alvos) ou seqüenciais (homens-bomba secundários ou terciários no mesmo alvo), geralmente usando armas diferentes. Eles podem escolher alvos "mais difíceis", em vez de apenas "fáceis", porque possuem bombas maiores e melhores explosivos e têm acesso a mais métodos para atingir o alvo. Métodos de gatilho (espoletas, cordéis de tração, telefones celulares) também crescem em sofisticação, e dispositivos explosivos são mais difíceis de serem detectados por sensores (raios-X, detectores de metal, cães, soldados).[14]

As vantagens operacionais de atentados suicidas em relação a atentados terroristas normais incluem:

• O dispositivo é precisamente levado ao alvo. O terrorista suicida funciona como uma arma de precisão que leva o explosivo direto ao alvo, o que é um ataque à distância no sentido de o terrorista ser "invisível" (no sentido de estar oculto) até que o dispositivo seja detonado, o que contribui para superar a vantagem ocidental de alvo à distância baseado na distância física.

• Os alvos mais difíceis podem ser atacados. Os alvos que normalmente não poderiam ser atacados agora podem ser alcançados. Os atentados terroristas normais não danificam tanto os locais fortalecidos situados a grandes distâncias. No entanto terroristas suicidas podem colidir com um portão principal fortificado e atingir o alvo desejado.

• O dispositivo não possui vulnera-

Tabela 1: Principais grupos representados segundo o modo de ataque terrorista suicida.

Grupo	Pessoal	Veículos	Aeronaves	Embarcação
Brigadas dos Mártires de Al-Aqsa	sim	sim	não	não
Al-Qaeda	sim	sim	sim	sim
Chechenos	sim	sim	não	não
Hamas	sim	sim	não	não
Hezbollah	sim	sim	não	não
Partido dos do Curdistão	sim	não	não	não
Jihad Islâmico Palestino	sim	sim	não	sim
Tamil Tigers	sim	sim	não	sim

Fonte: Counter-OPFOR Program, National Law enforcement and Corrections Technology Center (NLECTC)-West 2003

bilidade. O dispositivo explosivo não pode ser encontrado e removido ou manejado com segurança antes de ser detonado.

• O planejamento da exfiltração não é necessário. O suicida tem apenas que fazer a carga explosiva chegar ao alvo. As rotas de fuga e medidas para evitar a captura posterior não precisam ser consideradas.

• Ninguém sobrevive para ser interrogado. Devido ao fato de os terroristas suicidas não serem normalmente capturados, os grupos terroristas podem manter suas seguranças operacionais. Os *Tamil Tigers* usam cápsulas de veneno como um método de segurança caso a operação fracasse. Alguns grupos palestinos usam um detonador redundante ativado por celular, que pode ser acionado ligando para o número, caso o terrorista tente recuar da missão.

• Não há responsabilidade por companheiros feridos, que criariam um encargo logístico para o grupo.

• O fator horror aumenta o efeito psicológico do ataque. Os terroristas suicidas que usam coletes explosivos são estourados em pedaços e, normalmente, têm as cabeças separadas dos corpos. Em áreas onde atentados suicidas são freqüentes os indivíduos olham-se com suspeitas, o que cria altos níveis de ansiedade para as tropas dos EUA: elas devem observar todos numa multidão, à procura de roupas volumosas e comportamentos incomuns.

• Agentes patogênicos do sangue podem ser transmitidos. Os terroristas suicidas infectados com hepatite e HIV podem criar um incidente "*hazmat*" (por material de risco), espalhando a doença ao público-alvo. Os fragmentos de ossos e os ferrolhos e pregos cobertos de sangue podem transmitir diretamente os agentes patogênicos do terrorista para vítimas que se encontram nas proximidades.

Uma outra consideração estratégica é que os atentados suicidas criam mártires para a sociedade na qual o grupo recruta. Quanto mais os terroristas suicidas se matam e ganham prestígio aos olhos da sua sociedade, mais o ciclo de violência pode evoluir para um "movimento religioso". A sociedade palestina já está tomando as características de um culto à morte, com jovens crianças preferindo crescer para ser terroristas suicidas em vez de engenheiros e médicos. O recrutamento de novos terroristas suicidas não é difícil.

Redes islâmicas radicais, incluindo a al-Qaeda, estão travando uma insurgência global contra o ocidente. O martírio é um dos vínculos comuns que unem a insurgência, e está se fortalecendo à medida que mais grupos terroristas realizam atentados suicidas. O Império Romano enfrentou um dilema estratégico semelhante com os mártires cristãos. O elo radical islâmico com o martírio, que dura mais de vinte anos, deve ser rompido, antes que se torne muito entrincheirado.

Descobertas Estatísticas da Operação *Iraqi Freedom*

As operações suicidas tornaram-se símbolos de terrorismo e guerra. Homens, carros e embarcações bombas são uma preocupação contínua para as forças militares, policiais e de segurança. Essa preocupação estende-se ao Iraque e tem sido vista em todas as fases das operações no teatro iraquiano. O registro das operações de "combate principal" no artigo de David Zucchino, da revista *Los Angeles Times*, *The Thunder Run* (A Corrida do Trovão) faz menção aos terroristas suicidas durante tal fase de operações e prevê a queda de Bagdá de 4 a 8 de abril de 2003.[15]

Zucchino, que estava junto à Força-Tarefa 4-64 da 2ª Brigada, da 3ª Divisão de Infantaria (mecanizada) des-

Tabela 2: Principais grupos representados por seleção de alvos de terroristas suicidas.

Grupo	Civis	Militares	VIP	Tráfego	Aeronave	Embarcação	Edifícios/Infra-Estrutura
Brigadas dos Mártires de Al-Aqsa	sim	sim	não	sim	não	não	sim
Al-Qaeda	sim	sim	sim	não	sim	sim	sim
Chechenos	sim	sim	sim	sim	não	não	sim
Hamas	sim	sim	não	sim	não	não	sim
Hezbollah	sim	sim	não	não	não	não	sim
Partido dos Trabalhadores do Curdistão	sim	sim	sim	não	não	não	sim
Jihad Islâmico Palestino	sim	sim	não	sim	não	sim	sim
Tamil Tigers	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim

creve os atentados suicidas contra as forças dos EUA. Enquanto atravessava a Auto-estrada 8 em direção a Bagdá, no dia 5 de abril de 2003, uma coluna mecanizada defrontou-se com pequenas armas e lança-rojões. Misturados com os veículos militares iraquianos estavam carros, táxis, ônibus e motocicletas civis. Alguns combatentes iraquianos usavam uniformes militares, outros usavam roupas civis e outros usavam o traje preto do *Fedayeen Saddam*. Durante o confronto, a Força-Tarefa 1-64, um batalhão conhecido como *Rogue*, estava sendo atingido por fogo pesado. Zucchino descreve como dois veículos suicidas carregados de explosivos aceleraram na pista em direção às forças dos EUA.[16] Os veículos foram destruídos antes de completarem o ataque. No entanto, segundo Zucchino, veículos suicidas carregados com explosivos misturavam-se com *Fedayeens*, voluntários árabes e a Guarda Republicana. Um veículo em particular, um taxi alranjado e branco, tentou colidir com uma coluna mecanizada dos EUA.[17] Tais eventos tornaram-se, cada vez mais, rotineiros para as forças dos EUA e da Coalizão no Iraque.

Nós tentamos contextualizar as operações suicidas descrevendo-as na edificação da fase pré-combate, durante as operações do combate principal e durante a fase pós-combate da Operação *Iraqi Freedom*. Além disso, dividimos a fase pós-combate em dois segmentos: pré e pós-captura de Saddam Hussein. Também identificamos os ataques ocorridos durante o Ramadan em 2003, baseando nossas análises exclusivamente em inteligência de fontes abertas. Confiamos nos registros da mídia em diversas fontes, incluindo serviços de rádio e televisão, notícias da internet e jornais. Consultamos várias cronologias e banco de dados e tentamos captar e decifrar os relatórios e números de baixas. Nem todas as fontes concordam nos mesmos detalhes, mas a tendência principal é consistente.[18] Por exemplo, em 19 de março de 2004, um dia antes do aniversário de um ano do fim do combate principal, a *Associated Press* (Imprensa Associada) divulgou que 660 pessoas foram mortas em 24 atentados suicidas naquele ano. O relatório da *Associated Press* começou sua ficha em 29 de março de 2003 concluindo em 18 de março de 2004 e contabilizou 18 atentados com veículos e 6 atentados humanos. O artigo também observou que essa freqüência foi maior do que o número de baixas no conflito Israel-Palestina nos três anos e meio anteriores.[19]

Nós registramos 49 ocorrências no mesmo período (algumas foram incidentes potenciais, outras foram atentados e outras foram ataques múltiplos). Nós identificamos um total de 54 ações, algumas das quais foram múltiplos ataques durante um único assalto coordenado. Essas 54 ações resultaram um total de 813 mortos e 2.154 feridos. Os números incluem os terroristas suicidas. Quando dividimos a guerra por fases, encontramos 2 atentados durante a fase pré-combate (5 mortos, em 1 ataque realizado por carro-bomba e 1 por homem-bomba), 9 atentados durante a fase principal do combate (17 mortos e 33 feridos, em 5 ataques realizados por carros-bomba e 4 por homens-bomba); e 43 atentados durante a fase pós-combate (791 mortos e 2.121 feridos, em 35 ataques realizados por carros-bomba, 8 por homens-bomba e 1 por método desconhecido).

Quando subdividimos a fase pós-combate em períodos antes e depois da captura de Saddam Hussein, documentamos 18 atentados antes da captura (274 mortos e 749 feridos, em 16 ataques realizados por carros-bombas e 2 por homens-bomba) e 25 atentados após a captura (517 mortos e 1.372 feridos, em 18 ataques relizados por carros-bomba, 6 por homens-bomba e 1 por método desconhecido). Nós observamos cinco atentados durante a chamada "Ofensiva do Ramadan", em 2003 (102 mortos e 354 feridos).

Nosso primeiro registro foi feito em 26 de fevereiro de 2003, durante a preparação para a guerra. A fase do combate teve início em 20 de março de 2003 e o primeiro registro dessa fase foi em 22 de março de 2003. Nós iniciamos o período pós-combate principal em 2 de maio de 2003, quando as operações do combate principal terminaram. Nosso último registro de atentados foi em 18 de março de 2004, porque a análise terminou em 20 de março de 2004, um ano após o início do combate principal.

Fase pré-combate principal. A fase pré-combate principal inclui registros em 26 de fevereiro e 13 de março de 2003, quando Ansar al-Islam atacou os interesses curdos. Iranianos convictos exigiram que os terroristas suicidas palestinos tivessem como alvo as Forças norte-americanas na região.[20] Em 11 de fevereiro de 2003, oficiais iraquianos ameaçavam com operações suicidas assim que a guerra começasse, com o vice-presidente iraquiano Taha Yassin Ramadan afirmando que o Iraque empregaria milhares de terroristas suicidas.[21]

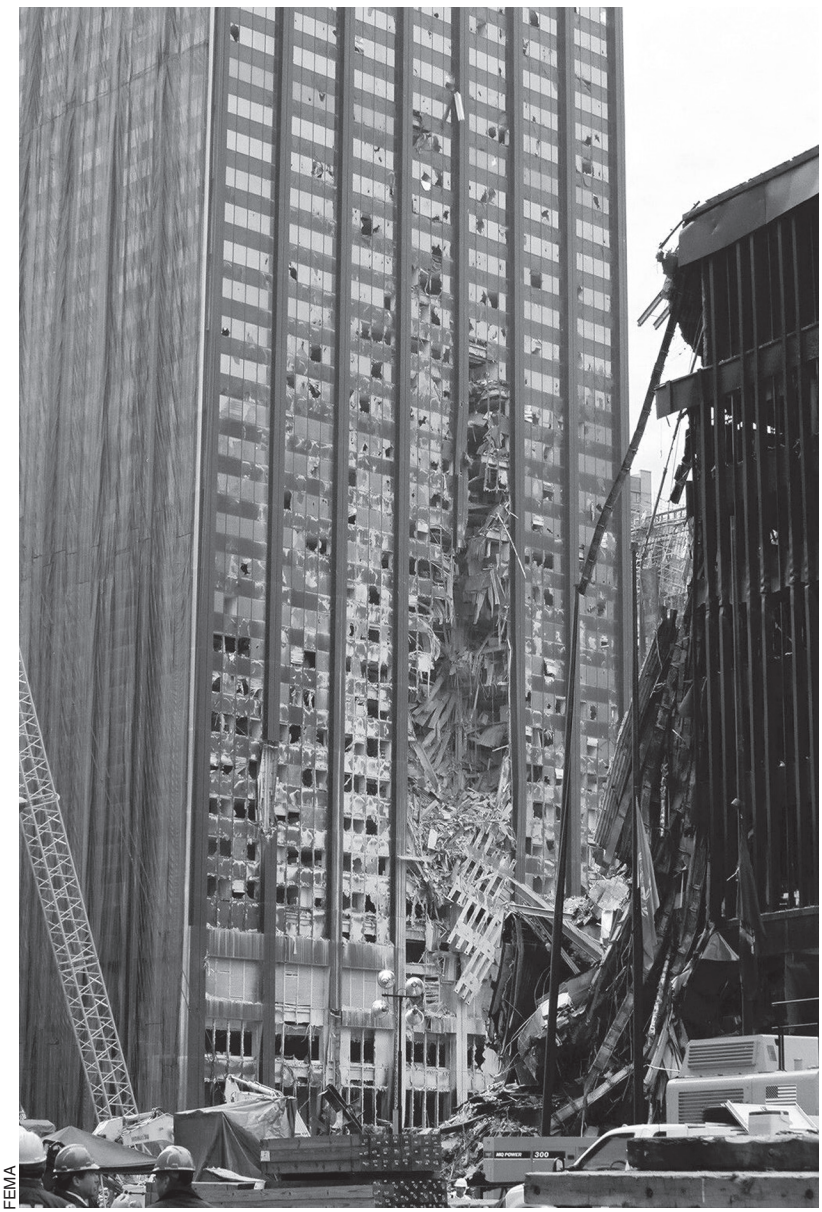
Em 11 de fevereiro de 2003, Osama bin-Laden uniu-se a uma campanha de informação mandando um vídeo que foi ao ar no canal de televisão de Qatar Al-Jazeera, o qual convocava os iraquianos a executarem ataques suicidas contra as Forças dos EUA. Seu chamado foi ouvido em 23 de fevereiro pelo comandante de guerrilha afegão Gulbuddin Hekmatyar, que incitou iraquianos e muçulmanos do mundo inteiro a realizarem ataques suicidas contra os Estados Unidos. Em 12 de março de 2003, Saddam Hussein pediu enfaticamente que os árabes procurassem se unir à luta, por martírio, e conduzissem atentados suicidas contra as Forças Armadas norte-americanas. A Marinha Britânica expressou preocupações com embarcações suicidas iraquianas potenciais e começaram a surgir denúncias de campos de adestramentos suicidas iraquianos.

Combate principal. O primeiro ataque na fase do

combate principal ocorreu contra um posto de controle militar curdo em Khurmal, Curdistão. Além do terrorista suicida, pelo menos três curdos e um operador cinematográfico australiano foram mortos. Em 21 de março, o Hamas e o grupo Jihad Islâmico Palestino uniram-se à convocação de emprego de atentados suicidas, incitando iraquianos a prepararem cintos suicidas e a confrontarem os Estados Unidos com operações de martírio. Como resposta, as Forças norte-americanas foram levadas a despir prisioneiros de guerra, a fim de evitar os potenciais atentados suicidas.[22] As Forças Navais iranianas interceptaram uma lancha iraquiana repleta de explosivos e afirmaram que haviam avistado pelo menos outras quatro embarcações suicidas.[23]

Em 26 de março de 2003, um líder expatriado de Ansar disse à televisão holandesa que comandos suicidas do Ansar atacariam as tropas norte-americanas, afirmação esta que teve que ser levada a sério, devido aos ataques de Ansar no Curdistão. Começou então a surgir informações que combatentes estrangeiros, incluindo o Hezbollah, estavam a caminho para unirem-se à guerra.[24]

O primeiro ataque bem-sucedido contra as forças dos EUA ocorreu em 29 de março de 2003, em Najaf. Quatro soldados norte-americanos foram mortos por um carro-bomba. Os líderes iraquianos afirmaram que esse era o começo de uma "política militar rotineira" e o responsável pelo ataque, após o episódio, foi condecorado com duas medalhas por Saddam Hussein.[25] Após esse ataque, operações de inteligência que apoiavam o uso de operações suicidas aumentaram. Essa propaganda foi confirmada por um ataque em Netanya, Israel, em 30 de março de 2003, que feriu 49 israelenses, o qual o Jihad islâmico chamou "presente palestino ao heróico povo do Iraque".[26] As Brigadas de Al-Quds desdobraram agentes secretos suicidas para Bagdá. Líderes islâmicos, endereços eletrônicos e jornais do Oriente Médio e outros lugares atenderam ao chamado para fazer parte da guerra santa e encorajaram mártires suicidas a defenderem o Iraque.[27]


FEMA

Um pedaço do World Trade Center pendurado precariamente sobre a rua após atingir um prédio vizinho.

Em 13 de abril de 2003 fuzileiros navais dos EUA encontraram um esconderijo com coletes suicidas numa escola em Bagdá. Acreditava-se que os coletes, forrados com explosivo plástico C4 e contendo rolamentos de esfera, foram guardados em sigilo por combatentes paramilitares associados ao *Fedayeen Saddam (os Martíres de Saddam)*. As Forças dos EUA também encontraram evidências de treinamentos suicidas e recrutamento.

Os ataques suicidas na fase do combate principal eram limitados na amplitude e sofisticação. A maioria dos ataques era direcionada a comboios, colunas ou postos de controle militares dos EUA. Ao mesmo tempo em que os ataques suicidas durante o combate principal tinham pouca significância militar, eles eram uma preocupação

emergente para a proteção da força e um precursor das operações suicidas nas insurgências que se seguiram.

Fase pós-combate principal. As operações suicidas ganharam ímpeto na fase pós-combate, com mais de 43 atentados após o término do combate principal. Os eventos causaram várias baixas fatais e demonstraram uma crescente sofisticação em escolha do alvo e coordenação. Os ataques continuaram a se concentrar em alvos militares norte-americanos, mas outros alvos de crescente importância estratégica foram incluídos. Os novos alvos incluíam os carabineiros italianos, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, a Polícia do Iraque, locais religiosos xiitas, figuras políticas e lugares diplomáticos, tais como as Embaixadas da Jordânia e da Turquia e instalações da ONU.

O primeiro ataque desta fase foi com um caminhão bomba, em 7 de agosto de 2003, contra a Embaixada da Jordânia. Ocorrido após a calmaria em operações, o ataque sinalizou o início de uma campanha conjunta de atentados suicidas de apoio à insurgência iraquiana. Em 19 de agosto, ocorreu um ataque à sede da ONU, em Bagdá. O ataque teve como alvo a sede da ONU, localizada no antigo Hotel Canal, e foi realizado com um carro-bomba improvisado, causando 25 mortos e 100 feridos. Tendo como objetivo a erosão do apoio público e internacional à reconstrução norte-americana do Iraque, o ataque truncou severamente as operações da ONU. Um segundo ataque contra a ONU ocorreu em 22 de setembro, no que aparentou ser uma ação de reforço, com o objetivo de erodir os esforços de estabilidade da coalizão.

Um aparente ressurgimento de ataques suicidas anti-coalizão começou junto com o Ramadan. A "Ofensiva do Ramadan", entre 26 de outubro e 24 de novembro de 2003, contabilizou seis eventos suicidas, dois dos quais tiveram grande importância simbólica e estratégica. Em 27 de outubro, terroristas suicidas atacaram as instalações da Cruz Vermelha. O ataque foi coordenado com cinco outros ataques contra estações policiais iraquianas, onde 40 pessoas morreram e mais de 200 ficaram feridas. O ataque de 12 de novembro contra a base dos carabineiros italianos em Nasíria, matou 31 e feriu 80. Os ataques ocasionaram a suspensão de operações humanitárias de diversas organizações não-governamentais de auxílio e provocaram discussões políticas no mundo inteiro sobre a presença das forças de coalizão. Os ataques contra líderes religiosos, mesquitas e santuários xiitas também ocorreram nessa época, alimentando a falta de confiança nos planos de reconstrução da coalizão.

Os atentados suicidas foram cada vez mais empregados como uma ferramenta para estimular a insurgência durante essa fase. A sofisticação aumentou e eles começaram a usar bombas maiores, caminhões de combustível, ambulâncias e carros de polícia (particularmente traiçoeiros), em ataques combinados. As operações suicidas também aumentaram os ataques armados. Os combatentes estrangeiros da guerra santa, a Jihadi, aparentemente também tiveram papéis cruciais.

As operações de informação que antecederam ao combate principal parecem ter sido propagadas. Alguns relatos sugerem ligações com al-Qaeda, incluindo a introdução de Lashkar-e-Toiba, membros chechenos da Frente Internacional Islâmica de Bin Laden, paquistaneses, sauditas e jordanianos.[28]

Tabela 3: Modos de ataque de terroristas suicidas na Operação Iraqi Freedom.

Ator/Grupo	Pessoal	Veículos	Aeronaves	Embarcações
Ansar al Islam	Sim	Sim	Não	Não
Jihad/Qaeda	Sim	Sim	Não	Sim
FedayeenIraque	*Sim*	*Sim*	*Não*	*Sim*

Fonte: Counter-OPFOR Program, National Law enforcement and Corrections Technology Center (NLECTC)-West 2003

Como observado num relato do *Los Angeles Times* de 14 de dezembro de 2003, insurgentes demonstraram crescente sofisticação em termos de tática, estratégia e operações de inteligência, com as operações suicidas sendo o centro desse conjunto. O artigo diz: "Um coringa ameaçador na guerra é o corpo de terroristas suicidas, que se acredita serem estrangeiros seguidores da seita da guerra santa, cujas forças insurgentes parecem ser capazes de recorrer a ataques de precisão, como os atentados à sede da ONU em Bagdá e o ataque à sede da polícia militar italiana na cidade de Nasíria."[29]

Em 29 de novembro de 2003, reportagens da mídia detalhavam a ligação da al-Qaeda com a insurgência iraquiana, observando que o Iraque era a peça central nos esforços de sua insurgência global. Seguidores da guerra santa europeus estavam sendo recrutados para o Iraque, emergindo a importância da rede de Abu Musab Zarqawi, assim como a aliança de Zarqawi-Ansar para realizar operações suicidas contra alvos militares, diplomáticos e humanitários.[30] No início de fevereiro de 2004, na Palestina e no Iraque, líderes islâmicos proclamaram que operações de martírio eram obrigações religiosas.[31]

Em 29 de fevereiro de 2004, os imperativos atentados suicidas da guerra santa "enraizaram-se no devastado cenário pós-guerra do Iraque".[32] Essa fase de operações é significante pelo maior número de ataques suicidas num crescente ritmo operacional de insurgência. Os ganhos em sofisticação demonstrados nos ataques à ONU, Cruz

Departamento de Defesa

Um soldado norte-americano observa os restos de uma carro-bomba no Iraque.

Vermelha e carabineiros antes da captura de Saddam Hussein continuaram no período pós-captura, com um aumento de eventos, baixas e sofisticação. Os atentados suicidas consolidaram-se firmemente no arsenal insurgente iraquiano.

O Futuro

Os atentados suicidas durante a Operação *Iraqi Freedom* começaram com uma série de indicadores pré-conflito discretos. Alguns atentados bem-sucedidos ocorreram no Curdistão, seguidos de convocações pelo regime *Baathist* de Saddam Hussein para que operações de martírio fossem usadas, a fim de frustrar as intenções norte-americanas. Em seguida, líderes islâmicos adotaram a convocação de Saddam Hussein, a fim de estimular sua visão de guerra santa global antiamericana e antiocidental. Durante as operações do combate principal, um número relativamente pequeno de ataques, taticamente insignificantes, foi direcionado contra as forças militares dos EUA. Esses ataques não atrasaram a queda do regime de Saddam Hussein nem afetaram o resultado das operações de combate.

Esses ataques — assim como qualquer ataque que emprega operações suicidas com forças irregulares disfarçadas em roupas civis — foram violações claras à lei internacional. Como tal, eles constituíram uma traição ou "atos que atraíam a confiança de um adversário para fazê-lo acreditar que tinha o direito de ser protegido pelas normas da lei internacional ou por aquilo que estava acordado".[33] Os Estados Unidos não ratificaram os protocolos de 1977, no entanto proibições de tal conduta ainda se encontram em vigor. Além do mais, usar civis como alvos é terrorismo claro e constitui crime de guerra. A lei humanitária internacional proíbe, em qualquer circunstância, o ataque de civis (incluindo forças policiais).

Enquanto a lei islâmica explicitamente proíbe o suicídio e ataque de civis inocentes, a al-Qaeda de Bin Laden, a Frente Islâmica Internacional, insurgentes palestinos e grupos "seculares", tais como Fatah e as Brigadas dos Mártires de al-Aqsa, ignoram essas proibições, referindo-se aos terroristas suicidas como mártires e interpretando suas ações como um dever religioso. A tática da "revanche extrema" foi transportada até o Iraque e talvez, futuramente, apareça em outro lugar.[34]

Os atentados suicidas no Iraque, particularmente contra as tropas dos EUA e contra a ONU, a Cruz Vermelha, a polícia e alvos civis, demonstraram um novo capítulo do terrorismo e da insurgência globais. Operações de martírio sinalizam uma escalada no conflito, por atingirem o objetivo com o máximo de baixas e destruição. Ataques suicidas são meios baratos de precisão que produzem um alto retorno simbólico. No nível tático, operações suicidas permitem que se escolham alvos precisos através de manipulação de sigilo orgânico: o terrorista fica disfarçado até que a operação ocorra, impedindo a exatidão da inteligência tática derivada de fontes humanas dentro das células de combatentes.

Devido ao fato de muitas operações suicidas, par-

ticularmente em Israel e na Palestina, envolverem ataques secundários ou simultâneos, um conhecimento de ataques secundários em potencial deve ser inerente a todas as forças militares e de ocupação envolvidas em contra insurgência, restabelecimento de paz e operações de estabilidade e apoio. Uma vez explodida a primeira bomba, as forças devem estar alertas para possíveis ataques secundários ou terciários. A resposta tática deveria incluir a separação de suspeitos de multidões e concentrações de forças. Tais operações policiais exigem um maior adestramento de operações de ocupação e um maior número de tropas de ocupação integradas a futuras estruturas de forças militares.

Estrategicamente, os atentados suicidas diminuem a confiança da opinião pública americana nas suas forças expedicionárias. No Iraque, os ataques estimulam a insurgência e debilitam as tentativas de criar uma sociedade civil segura. As organizações internacionais, como a ONU, a Cruz Vermelha e entidades humanitárias estão agora relutantes em operar num teatro duvidoso, o que impede a restauração da estabilidade. E, talvez mais importante, a experiência dos atentados suicidas e seu papel de nutrir e manter uma insurgência fornece lições estratégicas vitais.

Devido ao fato de postos de controle serem freqüentemente alvos, é extremamente importante manter a distância dos postos de controle e durante a intervenção com suspeitos. A ação contra ataques suicidas exige inteligência aperfeiçoada; apropriadas operações militares e policiais ofensivas; medidas defensivas e de proteção efetivas e uma estrutura de força ajustada ao ambiente de contra-insurgência.

As táticas, técnicas e procedimentos (TTP) empregados pelos terroristas suicidas evoluem, e a melhor solução para a análise da evolução de TTP é através da coleta de inteligência, avaliação e disseminação em tempo real. Assim que uma operação suicida ocorrer ou for interditada, as TTP deveriam ser documentadas e uma informação sobre o equipamento usado e o comportamento anterior do terrorista deveriam ser disseminados imediatamente às forças amigas. Avaliações táticas rápidas não devem ser retardadas; as forças oponentes desenvolverão suas táticas para alvos subseqüentes.

Terroristas suicidas no Iraque (ou em outros lugares) conduzirão operações baseando-se nas condições e capacidades locais. Por exemplo, os ataques realizados por carros-bomba contam com uma aproximação de alta velocidade para evitar as medidas táticas de segurança. Os ataques múltiplos são designados para sobrecarregar a coordenação de nível operacional e a alocação de força. As TTPs usados na Palestina pelos Tigres de Libertação do Eelam Tamil no subcontinente indiano fornecem boa informação sobre antecedentes, assim como os eventos recontados por nós. Entretanto, atuais e futuras forças oponentes adaptarão as TTPs a contexto, capacidades e contramedidas locais.

Estrategicamente, os atentados suicidas diminuem a confiança da opinião pública americana nas suas forças expedicionárias. No Iraque, os ataques estimulam a insurgência e debilitam as tentativas de criar uma sociedade civil segura. As organizações internacionais, como a ONU, a Cruz Vermelha e entidades humanitárias estão agora relutantes em operar num teatro duvidoso, o que impede a restauração da estabilidade. E, talvez mais importante, a experiência dos atentados suicidas e seu papel de nutrir e manter uma insurgência fornece lições estratégicas vitais. Assim como a maioria do mundo árabe, o Iraque possui pouca tolerância histórica à ocupação (especialmente por não muçulmanos). Isso, combinado com o apelo contemporâneo radical pela guerra santa, cria uma mistura política incendiária, que fornece aos insurgentes iraquianos motivação, legitimidade e uma rede de apoio global.

A introdução de combatentes estrangeiros da guerra santa e a influência do crime organizado transnacional também tornam crucial a necessidade de componentes de inteligência e policial na contraguerrilha militar.[35] A mistura de guerra santa-insurgente-criminosa desafia o governo civil e as normas legais. Sozinhas, as forças militares não podem reconstruir uma sociedade civil. A experiência iraquiana demonstra a necessidade de expansão das forças policiais locais e a integração de unidades militares, de inteligência, da polícia do Exército e operações de comum acordo com as autoridades civis, bem como também apoiando a organização destas.

À medida que os Estados Unidos lutam pela estabilidade no Iraque e, potencialmente, em outros Estados escolhidos como alvos por islâmicos radicais, tal interação torna-se essencial. Os atentados suicidas continuam no Iraque e no resto do mundo regularmente, alimentando a insurgência e estimulando o apoio à guerra santa. Soldados e fuzileiros navais norte-americanos continuam a encontrar indicadores de futuros potenciais suicidas, incluindo novos esconderijos de coletes de bombas e propagandas da guerra santa promovendo táticas suicidas. Esperamos poder absorver essas lições aprendidas, à medida que os Estados Unidos continuam sua batalha contra extremistas que usam o suicídio dos seus guerreiros como o sinal final de suas resoluções e como rejeição à sociedade civil erguida nas normas da lei. ***MR***

Referências

1.Veja a sessão de alvos por relação de vínculos do artigo de Robert J. Bunker, "Higher Dimensional Warfighting" (Guerra Dimensional Maior), na edição em inglês da *Military Review* (setembro-outubro, 1999), pp 57-59.

2. Os atentados suicidas são conhecidos por diferentes termos, dependendo do grupo em questão. O Jihad e outros grupos islâmicos chamam esses atentados de "operações de martírio", e os que se explodem são considerados "mártires". Muitos oficiais da Polícia dos EUA comumente usam o termo impreciso "terroristas homicidas". Alguns acadêmicos, como Raphael Israeli, referem-se aos terroristas suicidas como *islamikazes.* Para simplificar, nós usamos "atentados suicidas" e "homens-bomba".

3. O Soldado Randy Shughart e o Sargento Gary Gordon foram condecorados postumamente com a Medalha de Honra. Para mais informações sobre os seus atos heróicos, veja Mark Bowden, *Black Hawk Down* (New York: Atlantic Monthly Press, 1999).

4. O General Douglas MacArthur considerou a Força-Tarefa Smith como "demonstração arrogante de força". A princípio, pensava-se que essa força transitória de 540 homens provavelmente levaria os norte-coreanos a pensarem que uma força maior estivesse presente, ou até mesmo fazê-los bater em retirada quando descobrissem que estariam combatendo soldados dos EUA. Nada disso aconteceu. Após dois combates táticos na Batalha de Osan em 5 de julho de 1950, o que restou da pequena força-tarefa retirou-se diante ao avanço das unidades do Exército Popular da Coréia. Veja Maurice Matloff, editor, *American Military History*, 2: 1902-1996 (Conshohocken, Pensilvânia: *Combined Books*, 1996), p.207.

5. Apesar da tradição de os soldados não conduzirem ataques suicidas, eventos isolados já ocorreram. Alguns anarquistas do fim do século XIX, início do século XX (os terroristas daquela época) conduziram ataques suicidas. Por exemplo, em 1892 o anarquista russo Alexander Berkman tentou acender uma cápsula explosiva nos seus dentes, enquanto era subjugado pela polícia, durante um atentado malsucedido contra o industrialista Henry Clay Frick. Veja Caleb Carr, *The Lessons of Terror* (Nova York: Random House, 2002), p. 148. Mesmo em tradições ocidentais, os terroristas têm potencial para travar ataques suicidas. O Cristianismo antigo considerava lícito o suicídio em nome de Deus: "Aquele que sabe que o suicídio é ilícito deve, todavia, fazê-lo, quando determinado por Deus", escrito pelo Bispo Augustine, no século IV. Veja St. Augustine, *City of God*, *Book I, secs.18-26, Summa Theologica*, 2-2, q. 64, 5.

6. James Chambers, *The Devil's Horseman: The Mongol Invasion of Europe* (Edison, Nova Jersey: *Castle Books*, 2003), p.63.

7. Bunker, *"Bushido", World War II in the pacific: An Encyclopedia*, editado por Stanley Sandler (Nova York: *Garland Publishing*, 2001), pp. 134-135.

8. Para uma lista completa das unidades suicidas japonesas, veja Richard O'Neil, *Suicide Squads* (Sydney: *Lansdowne Press*, 1981).

9. Peter Schalk, "The Revival of the Martyr Cults", *Temenos*, 33 (1997): p. 151.

10. Raphael Israeli, "A Manual of Islamic Fundamentalist Terrorism", *Terrorism and Political Violence* (Winter, 2002): pp. 20-40.

11. Enquanto os atentados suicidas espalharam-se pelo secular Partido Socialista dos Trabalhadores Curdos anos antes das Brigadas dos Mártires de al-Aqsa Fatah, eles eram provavelmente muito avançados para influenciar diretamente o pensamento iraquiano.

12. Veja "Iraq continues paying Palestinian suicide bombers' families", *Iraqi Kurdistan Dispatch*, 20 de junho de 2002, disponível no endereço eletrônico <www.ikurd.info/news-20jun-p2.htm>, acessado em 03/12/2004; e "Saddam stokes war with suicide bomber cash", *Sydney Morning Herald,* 26 de março de 2002.

13. As datas dos incidentes de atentados suicidas iniciais são derivadas de informação de fontes abertas (*Open-source Information — OSINT*).

14. Mais informações específicas a respeito de táticas e técnicas não estão neste artigo. O Instituto Internacional de Contra-Terrorismo no Centro Interdisciplinar, Herzliya, contém alguns documentos de informação de fontes abertas. Veja também os seguintes documentos: Anti-Defamation League of B'nai, "Countering Suicide Terrorism", 2002; Human Rights Watch, "Erased in a Moment: Suicide Bombing Attacks Against Israeli Civilians", Nova York, 2002, endereço eletrônico <www.hrw.org/reports/2002/isrl-pa/>, acesso em 03/12/2004. A Polícia e as Forças Armadas dos EUA deveriam ver o artigo não sigiloso, mas restrito do Grupo de Trabalhos de Apoio Técnico "Suicide Bombing in World Terrorism", 26//06/2003.

15. David Zucchino, "The Thunder Run", *Los Angeles Magazine*, 7/12/2003, pp.19-38.

16. *Ibid.*

17.*Ibid.* Enquanto os dados de Zucchino registram diversos ataques suicidas contra as forças dos EUA entre 5 e 7 de abril de 2003 durante a batalha por Bagdá, a cronologia contém vários outros. As reportagens da mídia sobre a situação estão distorcidas pela confusão da guerra. Indubitavelmente, a contabilidade desses ataques varia, alguns não registrados e detalhes são frequentemente esboçados. Portanto, todos esses eventos devem ser vistos como representativos, e não definitivos.

18. Os relatórios da mídia pesquisados incluem os serviços de informações Reuters, *Agence France Press*, *Associated Press* e *United Press International*. Endereços eletrônicos incluem BBC, CNN, Fox News, Reuters Alertnet, "The Agonist" e *Royal United Services Institute* (*RUSI*) portal de informação do Iraque. Fontes da mídia impressa (inclusive versões on-line) incluem *The New York Times, Washington Post, Los Angeles Times, Christian Science Monitor, Times of London, Asia times, Times of India, Sydney Morning Herald* e *Manchester Guardian*. O banco de dados *Content Terrorist Atack* e o programa contra forças oponentes, do *Terrorism Research Center* (Centro de Pesquisas sobre Terrorismo), *National Law Enforcement and Corrections Technology Center* (*NLECTC*)-*West, Suicide Bomber Web-base* também foram revisados. Nós procuramos usar os registros mais recentes e precisos disponíveis, porém ainda permanecem algumas ambiguidades.

19. Tarek al-Issam, "Suicide Atacks ravage Iraq", *Toronto Star*, 19/03/2004.

20."Iran and Threats to U.S. Forces in Middle East", *Strategic Forecasting, Inc.* (*STRATFOR*), 21/01/2003.

21. "Iraq Threatens Suicide Attacks Against U.S. Troops", Reuters, 01/02/2003.

22. Oliver Poole, "POWs to be stripped in suicide bomb fears", *The Telegraph*, 22/03/2003.

23. "Four Iraqi suicide speedboats spotted, one intercepted " *World Tribune.com*, 27/03/2003, endereço eletrônico <http://216.26.163.62/2003/me_terror_03_27.html>, acessado em 03/12/2004; e "Suicide boats 'major threat' to Australian Ships", *Sydney Morning Herald*, 31/03/2003.

24. "Hundreds of Hizbullah en route to northern Iraq", *The World Tribune*, endereço eletrônico <http://216.26.163.62/2003/me_terror_03_28.html>, acessado em 28/03/2003.

25."Suicide Bombing Kills Four U.S. Troops, 3/30/03" (Atentado Suicida Mata quatro soldados norte-americanas), PBS, endereço eletrônico <www.pbs.org/newshour/extra/features/jan-jun03/suicide_3-27.html>, acessado em 14/01/2005.

26. Jason Keyser, "Suicide Bombing Injures 30 in Israel" (Atentado Suicida fere 30 em Israel), *The Washington Post*, 30/03/2003.

27. Diversos relatórios detalham a extensão do apoio e recrutamento extremistas islâmicos para engajar atividades da guerra santa no Iraque. Um relato representativo pode ser encontrado em Philip Smucker e Dan Murphy, "A broad cal for 'martyrs' for Iraq", *Christian Science Monitor*, 01/04/2003.

28. B. Raman, "Jihad anger: After Italy, Australia?" , *Asia Times*, 14/11/2003.

29. Patrick J. McDonnell e John Hendren, "U.S. Officials and Iraqis Agree That Conflict Will Get Worse", *Los Angeles Times*, 14/12/2003.

30. Sebastian Rotella, "3 Terror Network Suspects Arrested", *Los Angeles Times*, 29/11/2003.

31. "New Muslim Brotherhood Leader: Resistance in Iraq and Palestine is Legitimate; America is Satan: Islam will invade America and Europe" (O Novo Líder da Irmandade Muçulmana: A Resistência no Iraque e na Palestina é Legítima; América é o Satanás: O Islã invadirá a América e a Europa), Middle East Media Research Institute (MEMRI), Special Dispatch Series, nº 655, 04/02/2004.

32. Patrick J. McDonnell e Sebastian Rotella, "Making Bombers in Iraq", *Los Angeles Times*, 29/02/2004.

33. Texto disponível no endereço eletrônico: <www.icrc.org/ihl.nsf/7c4d08d9b287a42141256739003e636b/f6c8b9fee14a77fdc125641e0052b079>, acessado em 14/01/2005.

35. Para uma excelente análise da atual insurgência no Iraque e da necessidade de desenvolver estruturas integradas de segurança, a fim de identificar a ligação Jihad-insurgente-crimonosa, consulte Steven Metz, "Insurgency and Counterinsurgency in Iraq", *The Washington Quarterly* (Winter 2003-2004): pp. 25-35.

Robert J. Bunker, Ph.D., é um consultor dos Programas de Anti-forças Oponentes e de Armamentos Não Letais no National Law - Enforcement and Corrections Technology Center West, em El Segundo, Califórnia. Ele é membro do Grupo de Alerta Antecipado ao Terrorismo de Los Angeles e antigo bolsista do Institute of Land Warfare (ILW*),* Association of the United States Army (AUSA). *Recentemente* editou Non-State Threats and Future Wars *(Ameaças Não-Estatais e Guerras Futuras) (New York: Frank Cass: 2003). Atualmente está envolvido num projeto continuado de pesquisa de terroristas suicidas. Ele é um colaborador assíduo da* Military Review.

John P. Sullivan é pesquisador especializado em terrorismo, conflitos, operações urbanas, estudos sobre inteligência e a conecção entre guerra e crime. Ele é atualmente sargento no Departamento de Polícia de Los Angeles, onde atua como encarregado do Grupo de Alerta Antecipado ao Terrorismo de Los Angeles. Ele escreveu várias publicações policiais e militares.